

Também no passado, nossas cidades cresciam sem ordem

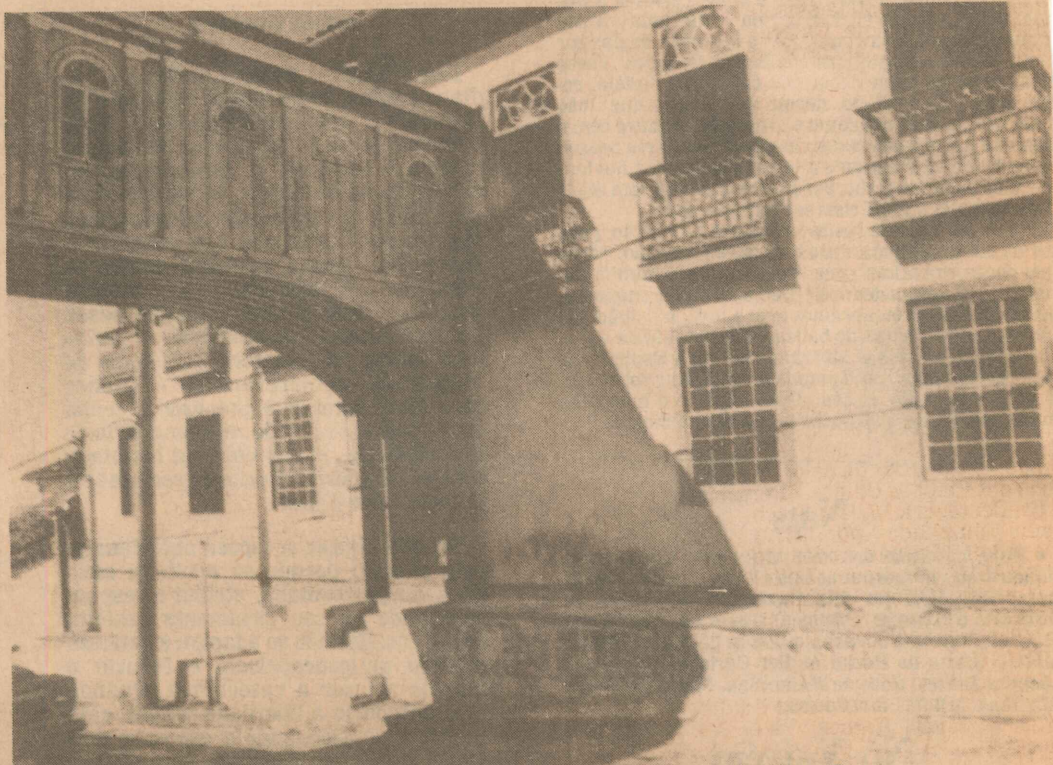
ERNANI SILVA BRUNO

Em simpático e atraente volume — ilustrado com fotografias que aliam força documental a sensíveis toques artísticos — a Editora Universidade de São Paulo e as Edições Melhoramentos acabam de publicar "Cidade Brasileira", livro em que o arquiteto Murilo Marx investiga o passado e o presente dos núcleos urbanos de nosso País, seus aspectos gerais, seus espaços vazios, suas áreas construídas, justificando com estas palavras o objetivo de sua pesquisa: "O seu passado, como outros fatores do meio físico e social, condiciona a cena e o drama citadinos. Conhecer, portanto, a história de cada aglomeração e a de todas as demais, se impõe".

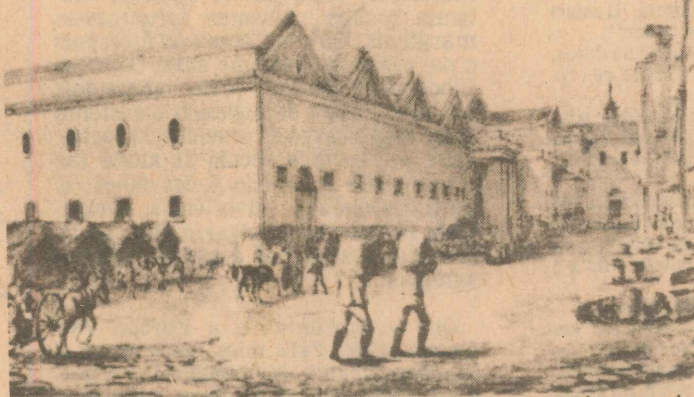
Trata-se de um campo de pesquisas até agora pouco explorado, pois sua bibliografia reduzia-se — salvo alguma omissão involuntária — aos estudos de Aroldo de Azevedo, Néelson Omegna e Nestor Goulart Reis Filho, embora alguns aspectos gerais das origens e da evolução dos burgos brasileiros tivessem sido apontados e interpretados nos ensaios de Gilberto Freyre e de Sérgio Buarque de Holanda.

Deste último autor fora a observação (contida em seu livro "Raízes do Brasil") de que um traço muito característico das antigas cidades brasileiras — comparadas, por exemplo, às hispano-americanas — decorria de sua formação desleixada, seu crescimento à vontade, sua exagerada subordinação à configuração do terreno, sua silhueta se confundindo quase com os contornos da paisagem natural. O que, decorria, de resto, do próprio espírito da empreitada colonizadora portuguesa em confronto com o da espanhola.

De fato, uma observação bastante repetida pelos cronistas e viajantes que no século passado percorreram o Brasil foi o da saborosa irregularidade de suas ruas e de suas edificações, em consequência dos locais em que haviam sido fundadas, no alto ou na encosta dos morros, no flanco das colinas, por vezes conformando grotescos. E do espírito pouco disciplinador, que era o jeito do povoador português. E isso ocorria não apenas com as povoações mais antigas, que os primeiros colonizadores e missionários plantaram ao longo do litoral ou em suas proximidades — e já dotadas de



O passadiço constitui uma insólita feição da cidade histórica de Diamantina, em Minas Gerais.



O belo edifício da Alfândega do Rio de Janeiro foi construído antes da proclamação da Independência.

todos os elementos de uma aglomeração urbana —, como também com as que depois surgiram, segundo um processo que se poderia talvez chamar de ainda mais espontâneo, da fixação de povoadores ou tropeiros nas terras do âmago do sertão. Tendência, essa, de que o extremo requinte seria Ouro Preto, que provocou do inglês John Luccock esta observação: "Vila Rica é, talvez, um dos lugares mais estranhamente situados no mundo todo e somente o poderoso amor do ouro poderia ter dado origem a uma cidade grande em tal posição." E que fez com que Afonso

Arinos de Melo Franco, em seu "Roteiro Lírico de Ouro Preto" sentisse o que havia sido o ingente trabalho de sua construção: "Foi uma conquista palmo a palmo, um aproveitamento felino de todas as abas, declives, anfratuosidades" — o que infundia à cidade "qualquer coisa de vivo, de natural, de obrigatório".

Murilo Marx, em seu livro faz documentada e minuciosa análise das origens, das características morfológicas e dos desdobramentos posteriores que caracterizaram a evolução dos grandes ou dos

pequenos núcleos urbanos brasileiros — com suas peculiaridades devidas a condicionamentos locais — e aponta aqueles problemas emergentes, que constituem desafios às vezes dramáticos, para que, no caso de algumas dessas cidades, não se estabeleça o caos e, no caso de outras, para que seus moradores se conscientizem sobre as opções que lhes restam.

Deve-se dizer que, abordando esse sugestivo setor da cultura brasileira que abrange a situação e o perfil dos sítios urbanos, suas ruas, praças e jardins, suas edificações públicas, religiosas e civis, o autor se revela não apenas o urbanista ou arquiteto preso a levantamentos, comparações e dados técnicos do assunto — que ele poderia redigir em tom de frio relatório — mas o escritor que sabe desenvolver o tema que escolheu em linguagem clara, enxuta, elegante, que não esconde — nele — o devoto da melhor literatura brasileira.

Basta dizer-se que as páginas de seu livro estão entremeadas de pensamentos e observações não só de sisudos cronistas coloniais, governantes ou naturalistas que transitaram por terras do Brasil, mas também de Gregório de Matos e dos arcades mineiros, passando por Álvares de Azevedo, Alencar e Machado de Assis, até Bandeira, Mário de Andrade, Drummond e outras figuras das letras brasileiras de tempos recen-



Os coloridos casarões coloniais da ladeira do Pelourinho são hoje atração turística em Salvador.

outras figuras das letras brasileiras de tempos recentes e de hoje. E que, tanto quanto nós outros, viveram em diferentes épocas a realidade urbana do Brasil e que foram personagens das cenas e dos dramas citadinos.

Vale a pena transcrever as palavras com que o autor termina seu sugestivo estudo: "Os cemitérios a céu aberto, fora do núcleo urbano, existiram também nos tempos coloniais. A margem, como aquele que deu origem à capela dos Aflitos, em São Paulo, era o último abrigo de diferentes categorias de marginalizados: não-católicos, os criminosos, vítimas de doenças contagiosas e os escravos. Muitos outros aflitos, entretanto, estimularam e partilham as nossas povoações, de todos os tamanhos e graus de prosperidade. Ocupam os seus setores de cadentes, os interstícios diversos, os morros, os alagadiços as suas orlas infectas. São os cortiços, as favelas, os mocambos, os alagados... Clamam pela maior compreensão da nossa evolução urbana, buscam acesso à cidade no Brasil e impõem a sua justa reconsideração."